

Quem é o Professor Indígena de Ciências? As Teias que o Fabricam.

Who is the Indigenous Teacher of Science? The Webs Which Build This Subject.

Marco Antônio Lopes Alves

Secretaria de Educação do Estado do Pará – SEDUC PA
marcoloalves@yahoo.com.br

Silvia Nogueira Chaves

Universidade Federal do Pará – UFPA
schaves@ufpa.br

RESUMO

Este trabalho discute a fabricação discursiva do professor indígena de ciências no âmbito das políticas de criação da Educação Escolar indígena, usando para análise as teorizações de Foucault e autores que problematizam processos de subjetivação, de produção de formas de ser sujeito no mundo. Sustentados nestas ideias discutimos: “O que é o professor indígena de ciências”. Como percurso metodológico, entrevistamos 35 indígenas do Curso de Formação de Professores Indígenas da Secretaria de Educação do Pará e analisamos documentos pertinentes à construção histórica da Educação Escolar Indígena no Brasil. As análises apontam um professor indígena de ciências situado na fronteira entre culturas que ora se encontram, ora se confrontam na produção de nova forma de ser índio. O professor indígena é produzido como interlocutor, intérprete entre culturas, mas é também aquele que resguarda a identidade de seu povo, é o sábio que transita em dois mundos, conferindo ao povo indígena a possibilidade de “tornar-se brasileiro”, mantendo-se índio.

Palavras chave: formação de professores de ciências, educação indígena, subjetividade, discurso.

ABSTRACT

This article discuss the discursive formation of the indigenous teacher of science into the creation of the policies of Indigenous School Education, using for this an analysis of Foucault theories and of other authors that problematize the subjectivity processes, while they also discuss about the ways of becoming a subject in the world. Supported by these ideas we discussed: Who is the indigenous teacher of science. The methodology employed were : 35 interviews

held with indigenous of the Training Course for Indigenous teacher, provided by the Education Department of Pará and the analysis of historical documents that are relevant to the construction of Indigenous Education in Brazil. The results weave the image of an indigenous teacher located on the frontier between distinct cultures, that sometimes are face to face, in other time confront in the process of building a new way of being Indigenous. The indigenous teacher is produced as an interlocutor, an interpreter between cultures, but it is also one that protects the identity of its people, this subject is a new kind of wise who travels between the Indian and non-Indian worlds, giving indigenous people the opportunity to "become Brazilian", but remaining Indigenous.

Keywords: science teacher, indigenous education, subjectivity, speech.

Quem é o Professor Indígena de Ciências? As Teias que o Fabricam.

O EMERGIR E O ENTRECROZAR DOS FIOS QUE TECEM O PROFESSOR INDÍGENA DE CIÊNCIAS.

O que é o professor indígena de Ciências? Como se institui esse *objeto de época* (CORAZZA, 2001) no contexto das políticas educacionais brasileiras contemporâneas? Partindo destas indagações, buscamos nesta investigação problematizar elementos implicados no aparecimento da identidade do professor indígena de ciências utilizando ferramentas analíticas das teorizações de Michel Foucault e outros pensadores que discutem processos de fabricação de subjetividades, por meio de práticas discursivas permeadas por relações de poder.

Para obtenção do corpus que se constitui o material empírico da pesquisa, realizamos entrevistas semiestruturadas e espontâneas com 35 indígenas da etnia WaiWai, estudantes do Curso de Formação de Professores Indígenas da Escola Itinerante da Secretaria de Estado de Educação- SEDUC. Analisamos documentos oficiais pertinentes à Educação Escolar Indígena e especificamente à formação do Professor Indígena como Leis, Decretos, Pareceres e Referenciais Curriculares, entre outros.

Para análise destes materiais, partimos do pressuposto de que, no momento em que o discurso oficial institui identidades, este produz formas de ser e de ver todos os elementos constitutivos de nosso meio social e, por tanto, logicamente, do nosso objeto de análise – o professor indígena de ciência. Deste modo, o professor indígena consiste naquilo que Corazza (2001), nomeia de *objeto de época*, uma criação discursiva, cuja posição ocupada é historicamente definida a partir das práticas discursivas. Deste modo, na construção desta teia, os fios são representados pelos múltiplos discursos, oficiais e não oficiais, que ora convergem, ora divergem, ora apenas se cruzam, discursos estes que tecem os sujeitos sociais na teia das relações de poder.

A partir desta ótica, entende-se que “o discurso não é algo que fala sobre o mundo, é algo que produz o mundo.” (FOUCAULT, p.79, 2008^a e, com

base nesta perspectiva, podemos afirmar que não existe sujeito fora do discurso, nem fora dos processos que definem suas posições e significados, uma vez que é função do discurso posicioná-lo dessa ou daquela maneira, sendo, por tanto, o sujeito constituído e regulado no e pelo discurso.

Em se tratando da discussão sobre as identidades indígenas, significa dizer que os discursos oficiais e indígenas estão imbricados em uma sofisticada, complexa e nem sempre coesa teia: os jogos de poder, materializados nos discursos envolvidos nesta trama, cujos efeitos de verdade reverberam um sobre o outro e definem como *objeto de época* indígena e professor indígena de ciência. Isto é, os discursos demarcam o que é ser indígena e que é professor indígena de ciências, demarcam onde eles se posicionam, de onde eles podem falar, a fim de produzirem discursivamente suas identidade mediante o discurso oficial anunciado pelo Estado.

Os experts da governamentalidade constituem os pilares que edificam todo o saber oficial nas mais diversas áreas: a Pedagogia, a Sociologia, a Biologia, a Física, a Química, as Ciências Jurídicas, dentre outras. Todo este conhecimento está á serviço da produção de verdades, da produção de uma determinada ordem, a qual irá atingir diretamente o processo de formação e de subjetivação do professor indígena de ciências. Conforme explica Machado, “não há relação de poder sem constituição de campo de saber, como também, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder” (p.21, 2008). Assim, temos nas práticas discursivas da Educação escolar indígena e do curso de formação de professores indígenas pontos de exercício de poder e lugares de formação do saber concorrentes à emergência do professor indígena de ciências.

Com a Constituição Brasileira de 1988, o discurso oficial institui uma educação escolar para os indígenas, a chamada *educação escolar indígena*, fundamentada no uso de processos próprios de aprendizagem para cada etnia, caracterizando-a como uma *educação comunitária, diferenciada, bilíngue e intercultural*, consubstanciando-se na LDB, Art.78 (BRASIL, 1996) que trata da oferta de educação diferenciada, bilíngue e intercultural aos povos indígenas e prevê aos índios “... o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-indígenas.”. **Específica e Diferenciada** porque entende-se que se deve levar em consideração a particularidade de cada povo indígena; **Bilíngue/Multilíngue** porque deve relevar a língua nativa dos indígenas e a língua portuguesa; **Intercultural** porque deve manter e reconhecer a diversidade cultural e linguística de cada povo, promover a comunicação de experiências socioculturais, não considerando uma cultura superior a outra; **Comunitária** porque é conduzida pelas escolas indígenas, obedecendo seus calendários e liberdade de decisão.

Em conformidade com os discursos analisados nessa pesquisa, na escola indígena da aldeia Nhamundá-Mapuera, os conhecimentos científicos e os conhecimentos da tradição se encontram, se cruzam compondo o saber de Ciências. Os processos discursivos que aproximam estes saberes criam lugares para as coisas, fabricam concepções de mundo, de sociedade, de natureza, de educação, modos de ver o WaiWai/ e de ver do povo WaiWai ,

modos de ver a cultura ocidental/ e de ver da sociedade ocidental, criam uma forma de ensinar e de aprender Ciências- a forma bilíngue e intercultural-, e, sobretudo, produzem o professor indígena de Ciências WaiWai.

Vemos que o discurso oficial cria as Diretrizes para a educação escolar indígena, indica um currículo para o ensino de Ciências, ao mesmo tempo em que forja um ensino de Ciências responsável por ler as características físico-naturais, e culturais da aldeia onde vive a etnia. Nesse processo encontramos um professor forjado como o maestro da educação: a ele cabe selecionar os saberes da cultura da etnia da qual faz parte explorando-os, problematizando-os à luz dos saberes, das verdades universais da ciência.

Em sua maioria, os povos indígenas estão muito próximos da natureza, como é a realidade dos Waiwai- nesta pesquisa -, vivem cercados por florestas e cursos de rios- o que lhes conferiu habilidades na fabricação de embarcações de pequeno e médio porte- na aldeia Nhamundá- Mapuera é uma constante a circulação de macacos, araras, antas, mutuns, preguiças, etc., e de acordo com o Estado o quê ensinar poderia vir da produção de temas dessa relação natureza/ sujeito indígena. Das especificidades naturais e culturais das terras de uma determinada etnia vemos a possibilidade do professor indígena produzir um saber local, versando sobre as espécies de animais, de árvores, dos rios, das ervas medicinais da mata, a periodização/ demarcação da época da desova de peixes, do melhor período para pescá-los, para fazer o plantio e a colheita, entre outros.

Ao fazer a correlação dos temas de Ciências com os aspectos naturais do território indígena, o professor indígena e o Estado produzem uma forma de saber, produzem outra possibilidade de conhecer o mundo indígena e no discurso oficial é conhecido como *educação diferenciada/ saber intercultural*: o saber da tradição indígena é registrado e sistematizado, mas tendo como parâmetro os conteúdos propostos pela sociedade não- indígena, ou seja, pela LDB e pelos livros didáticos.

A representação simbólica das tradições da aldeias são fabricada pelo discurso oficial como forma de conhecimento indígena: crenças, rituais religiosos, a medicina indígena, são saberes que prescrevem conduta e valores morais. Para Bizzo (2007) o conhecimento cotidiano admite variadas e diferentes fontes de informação (religião, cultura, etc...) e convive no jogo de verdades com explicações diferentes para um mesmo fato. Nesse campo podem ocorrer hipóteses rivais, o embate de ideias, mas o sentido e significado de tudo isso constitui saberes indígenas e perfaz uma preocupação dos professores da aldeia – aprendendo com os mais velhos- ensinar esse conhecimento nas aulas de Ciências.

[...] nós temos a preocupação de trabalhar os conteúdos de ciência, como: Meio Ambiente, Ecossistemas, Classificação dos Animais, Corpo Humano e outras coisas mais. Nós nos perguntamos quando fazemos nossas reuniões como é que nós estamos trabalhando essa questão de conteúdo de ciências e nossos costumes indígenas. Muitas vezes tem palavras tanto em Biologia, Química e Física que são

complicadas pra nós porque na língua WaiWai não há um significado. Então procuramos fazer a relação entre os costumes do povo WaiWai [...] e esses conteúdos específicos trabalhados com nossas crianças no dia-a-dia de nossas aulas para não perder essa relação, senão os conteúdos de ciências ficam deslocados e nós e os alunos muitas vezes não compreendemos. (Professor E. WaiWai)

Vejo que o professor E. WaiWai introduz na aprendizagem indígena os conteúdos oficiais da Biologia, da Química e da Física, conformando-a aos conteúdos tradicionais do seu povo. Ele institui uma forma de ensinar o conhecimento formal e, ao instituí-la, ele reinventa o professor indígena de Ciências à luz do conhecimento ocidental e tradicional. Nesse processo de construção de significados, o professor E. WaiWai leva em conta o seu mundo, a sua cultura.

Nós, professores índios, **trabalhamos o conteúdo de ciências com nossos alunos fazendo sempre a relação entre o conteúdo extraído do livro didático de ciência do professor e as práticas vivenciadas** pelos nossos alunos da aldeia. O senhor sabe bem que **cada povo tem experiências históricas que os diferenciam de outros povos, e nós WaiWai temos nossas ideias próprias sobre as relações que nós fazemos com o meio ambiente como a preservação, a evolução dos animais, tipo de vegetação** que existe em nossa comunidade, então, **tudo isso que eu encontro no livro didático do professor** eu passo pros meus alunos na sala de aula, eu tiro dúvidas deles e depois nós **vamos ver todos esses temas na prática, seja na mata, em nossos roçados ou ao redor da aldeia.** Professor, eu posso afirmar que esse tipo de trabalho de mostrar na prática, isso a gente faz há muito tempo, pra nós tudo que voa é pássaro, tudo aquilo que mora na água é peixe, tudo aquilo que anda pelo chão é um animal terrestre. O morcego para os WaiWai é um pássaro porque ele voa e o boto é um peixe. O senhor bem sabe que nós sociedades indígenas possuímos um conhecimento grande sobre o meio natural em que vivemos e que reconhecemos não somente a diversidade de espécies da fauna e da flora como também a variedades de ecossistemas. (Professor N. WaiWai)

Segundo Silva (2008), os livros didáticos, são saberes organizados em torno de uma determinada concepção de mundo e de sujeito, os quais difundem as ideias da Ciência ocidental sobre a realidade. Para o professor indígena, o livro didático é o ponto de partida para o desenvolvimento de sua prática docente na aldeia. O olhar dos livros do MEC se constitui num referencial para as aulas práticas de Ciências, isto é, o processo de ensino-aprendizagem é modelado e regulado a partir dos conteúdos dos livros

didáticos produzidos pelos sujeitos não-índios. Neste sentido, diz o professor N. WayWay:

“A disciplina ciências, ela é um campo vasto de conhecimentos e eu, como professor de ciência que gosto de ser, **seria impossível não trabalhar com os meus alunos da aldeia os diversos tipos de ornamentos e tintas que extraímos da natureza para pintar nossos corpos, a medicina indígena WaiWai, os tabus alimentares e várias outras práticas cotidianas, como o mundo das plantas, dos animais encontrados na aldeia Mapuera.** Todos esses campos que acabei de falar pro senhor eu trabalho na sala de aula com meus alunos e também mostro na prática onde se localiza esses campos sociais, isso professor, facilita a aprendizagem dos meus alunos, **na hora de fazer avaliação eu consigo bons resultados, quando sai as notas dos meus alunos e eu fico muito feliz em corrigir os trabalhos e as provas deles.**”

Nesse relato, o Professor N. WaiWai ressalta a importância em trazer para a sala de aula os hábitos e crenças do povo de Nhamundá- Mapuera: os alimentos, a cerâmica da cultura WaiWai, ornamentos e tintas da tradição desse povo, o conhecimento de plantas e animais. Contudo, ao mesmo tempo em que se aponta para um currículo escolarizado, com características da identidade cultural WaiWai, vejo a valorização de provas e testes como instrumentos de mensuração da aprendizagem do aluno indígena. No que essa prática difere da ação do professor não indígena? Por que mensurar saberes chamados de tradição indígena mediante métodos avaliativos nos moldes não indígenas?

É sob este prisma de interpretação, inter cruzando os discursos oficiais e o discurso indígena, que se passa a ter uma visão mais nítida sobre a identidade do nosso sujeito de análise. O Estado institui que a educação escolar bilíngue será mais bem atendida através de professores indígenas, culminando com a publicação dos Referenciais para Formação destes profissionais, produzidos pelo Ministério da Educação e Cultura- MEC. Portanto temos na Resolução 03/99 o dispositivo legal que promoverá a invenção do chamado professor indígena de ciências. Em contrapartida, este novo ator que surge no contexto das aldeias delimita através dos saberes e aspectos culturais de sua etnia as bases para sua atuação no contexto das escolas-aldeias, trazendo para si a responsabilidade de resguardar a identidade de seu povo, sendo ao mesmo tempo uma ponte entre culturas distintas. Com bases nestas premissas, torna-se claro que este novo sábio dentro da aldeia, diferentemente dos pajés e outras lideranças, transita entre dois mundos – o dos saberes da ciência ocidental e dos saberes da tradição -, conferindo aos povos indígenas, nas suas mais diversas etnias, a possibilidade de ser brasileiro, mantendo-se índio. Sendo neste tráfego, entre ciência e saberes, que emerge, nas suas mais diversas identidades, o ser professor indígena de ciências.

O DESVENDAR DA TEIA

Não há no princípio de relações de poder e, como matriz geral, uma oposição binária entre dominadores e dominados. Além disso, a vontade de poder não é subjetiva, neutra, mas intencional; isso não significa que tal vontade seja individual e livre- no sentido tradicional de liberdade-, mas sim que se produzem no jogo das práticas concretas que, diante do diferencial em que as situações concretas se estabelecem, buscam satisfazer interesse e acabam por conferir legitimidades. Conforme Foucault (2008b) o poder se exerce em rede, nas suas malhas o sujeito não só circula, mas está sempre em posição de exercer este poder e de sofrer a sua ação, nunca é um alvo inerte e consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica ao sujeito, passa por ele, somos todos atravessados pelo poder, e as resistências, nessa perspectiva, se dão dentro da própria trama social.

As narrativas aqui analisadas sob a perspectiva foucaultiana, nos trazem outros olhares, como o de que somos resultado de uma construção social e cultural, uma construção cambiante porque somos parte/ fazemos parte de um jogo de saberes e poderes que constituem os processos discursivos, ou seja, de que somos resultado de práticas discursivas permeadas de relações de poder, e por isso o sujeito pode ocupar diferentes posições no discurso, pode ter diferentes significados. Os sentidos são contingentes dependentes da vontade de verdade que se quer imprimir. Por isso, não existe sujeito fora do discurso.

A análise discursiva aqui desenvolvida, sobre o que é o professor indígena de Ciências, nos possibilitou não só investigar o pensamento e as práticas discursivas que presidiu seu nascimento, mas também situar que sua emergência se deu em processos discursivos ora de assimilação, ora de negação e de contra- discursos, num jogo de lutas e resistências. Em outras palavras, o professor indígenas de ciências, para instituir suas verdades e construir sua identidade, terá de travar uma árdua batalha discursiva.

Neste emaranhado de teias que formam o professor indígena de Ciências, vejo que: os elementos, saberes e práticas que o constituem ora o diferenciam ora comungam com os mesmo elementos, saberes e práticas de formação de professores não índios. Ora corroboram ora refutam com as Diretrizes da chamada Educação Escolar Indígena. Ora temos a demarcação de diferenças, ora temos processos de homogeneização. Em que consiste as diferenças entre professor indígena e não indígena afinal?

O professor indígena de Ciências é instituído como sujeito de conhecimento intercultural, bilíngue e diferenciado, mas seu construto, também engloba os saberes universais (Biologia, Química e Física) e o uso da língua portuguesa como a base de sua formação para o exercício da cidadania e do trabalho na sociedade nacional, situando os saberes da tradição indígena como verdades locais, isto é, apenas com valor para o povo WaiWai e na aldeia. Podemos ver que o currículo do ensino médio demarca a referência a partir da qual os professores indígenas vão nomear e construir suas práticas docentes.

Esta forma de olhar o ser professor indígena veio fomentar múltiplas possibilidades de entendimento de identidades e diferenças, de ver formas de subjetividades. O discurso WaiWai nos lembra as ideias de Boaventura de

Souza Santos (2002) de paradigmas dominantes, com princípios epistemológicos e regras metodológicas rígidas, que predominaram na terra do século XVI ao XIX. Para o professor WaiWai, a verdade na sala de aula está intrinsecamente ligada à junção do saber “do branco” com o do “índio”, convergindo para imposição de regras de produção de uma vontade de verdade, criando outros lugares para o conhecimento da tradição. A escola, nesse processo, é fabricada como lócus de produção de saberes, no qual o professor indígena de Ciências irá exercer sua prática docente.

REFERÊNCIAS

- BIZZO, Nelio. **Ciências: fácil ou difícil?**. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília: MEC/SEF, 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 2002a.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura, Secretariaria de Educação Fundamental. **Referenciais para a Formação de Professores Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 2002b.
- CORAZZA, Sandra Maria. **O Que Quer Um Currículo?: Pesquisas Pós-Críticas Em Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem Do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2008a.
- _____. Verdade e Poder *IN: Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008b.
- LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Identidades Fragmentadas: a Construção Discursiva de Raça, Gênero e Sexualidade em Sala de Aula**. São Paulo: Mercado das Letras, 2006.
- MACHADO, Roberto. **Introdução: Por Uma Genealogia Do Poder** *IN: FOUCAULT, Michel. Microfísica Do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Um Discurso Sobre a Ciência**. Porto: Edições Afrontamento, 2002.
- SILVA, Rosa Helena Dias. **Afinal, quem educa os educadores indígenas?** *IN: GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e (Org.). Experiências Étnico-culturais para a Formação de Professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.